

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (I)

PRIMEIRO MOMENTO – A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

As comemorações centenárias da imigração italiana no Rio Grande do Sul, celebradas em 1975, tiveram o mérito de desencadear um processo de recuperação não só de sua história, mas também de outros grupos étnicos, como os alemães, os poloneses, os judeus e outros menos numerosos.

Esta série de artigos tem como objetivo estimular as pessoas a preservar e se interessar pela história. E a história não é somente feita de palavras e narrativas, mas de documentos, objetos, instrumentos, construções, organizações, enfim, de tudo o que fala, mesmo em silêncio, do passado. Os historiadores, hoje, com o auxílio dos arqueólogos, antropólogos e de sofisticados recursos científicos, tentam re-escrever a história dos povos mais antigos, e, em muitos casos, começar a escrever a história daqueles sem escrita, como a dos povos indígenas do Brasil e, até, de povos que desapareceram, mas deixaram as ruínas de suas cidades.

A nossa história, como descendentes de imigrantes, conta com cento e trinta dois anos de idade, apenas. E quando queremos saber o que aconteceu com os nossos avós, bisavós ou trisavós pouco ou nada sabemos. Muitas vezes nem lembramos o nome. Geralmente as pessoas não passam do reconhecimento de sua descendência italiana e que os antepassados vieram de alguma região da Itália. Poucos são os que sabem a cidade ou o vilarejo donde vieram. Fica difícil restaurar a história.

Diante desta situação, acredito ser fundamental desenvolver nas escolas o gosto e o interesse pelos fatos históricos. Assim, não fica sem efeito o célebre ditado que “a história é a mestra da vida”. Pouco adianta, ainda que importante, recitar na aula a história universal, se não cultivamos a nossa história, a história local. Neste sentido, a história da imigração italiana e, no seu contexto, a história de Marau merecem toda a nossa atenção e valorização.

Esta nossa atitude começa pelo reconhecimento dos ensinamentos da história e de que a nossa história começa pela decisão dos nossos antepassados de deixar a terra natal e partir para o desconhecido com a esperança de construir uma vida melhor. Emigrar teria sido para esses camponeses deserdados a solução mais ao alcance de todos. As políticas da Nova Itália Unificada em nada favoreceram essas populações castigadas pelo analfabetismo, pela fome, pela miséria, pelas doenças e pela exploração dos poderosos “Signori”, donos das terras. “Emigrar ou roubar” foi o dilema desses deserdados, reconhecido inclusive por Dom Scalabrini, o bispo dos emigrantes, ao afirmar que “i poveri contadini avevano due scelte: o emigrare o rubare”.

Assim, sem perspectivas de futuro e sem apoio das autoridades governamentais em sua própria pátria, os “poveri contadini”, sem coragem de roubar, decidem emigrar para outras terras, levando consigo a esperança, a força e a coragem de construir um novo lar, uma nova vida e uma nova pátria, talvez, com mais paz, mais justiça e menos fome. O seu grande aval, segundo todos os depoimentos, era a sua fé em Deus. Não eram homens e mulheres desesperados, mas pessoas com um projeto de vida futura, embora todos soubessem que se tratava de uma aventura arriscada e sem retorno. Confiavam somente no próprio trabalho e na proteção divina, as únicas duas forças que poderiam acompanhá-los.

A escola nos ensina que a história do Brasil começou em 1500 com o descobrimento, neste sentido, pode-se dizer, a nossa história, a dos descendentes dos imigrantes italianos, começa com a decisão de milhares de italianos partirem para o Rio Grande do Sul. Esta história nem todos conhecem ou, apenas, tem relatos pouco precisos, ouvidos dos avós. Gostaria ajudar lembrá-la.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (II)

SEGUNDO MOMENTO – HISTÓRIAS DIFERENTES DOS MESMOS FATOS

Até pouco tempo acreditava-se que a história, seja universal ou regional, era a história verdadeira dos fatos ocorridos. Hoje, especialmente depois dos estudos apresentados por Michel Foucault, (filósofo francês, 1926-1984), todos admitem que a história ou as histórias, mesmo as ensinadas nas escolas, não passam de versões dos fatos. Essas versões estão vinculadas aos que as contam, a seu modo de ver e interpretar os fatos, já que os fatos acontecidos não podem ser repetidos, como se repete a fervura da água numa chaleira.

Para tornar mais clara a questão, vamos a dois exemplos. O primeiro sobre a história da Guerra do Paraguai que se aprende nas escolas. Há algum tempo vários historiadores dedicaram-se ao estudo deste importante fato histórico para o Brasil. As conclusões, na quase totalidade, contestam a versão oficial. Júlio José Chiavenatto, apenas para citar um desses historiadores, publicou a obra: Genocídio Americano – a guerra do Paraguai. (1979, Paz e Terra). O título por si só dispensa comentários. Um aspecto que é bom saber diz respeito aos interesses ingleses na referida guerra. De fato, a grande interessada pela guerra foi a Inglaterra. Na época, o Paraguai era a maior economia da América Latina. Sua indústria têxtil incomodava os interesses dos empresários ingleses. E como sempre acontece, os grandes interesses econômicos são resolvidos pela guerra. O exemplo mais recente é a invasão do Iraque. No caso do Paraguai, os ingleses inventaram o plano expansionista do ditador Solano Lopes e levaram o Brasil, Argentina e Uruguai a declararem guerra ao suposto invasor. Não muito diferente das supostas armas de destruição em massa que o ditador Sadan Hussein teria armazenado em algum esconderijo.

O outro exemplo diz respeito à Guerra dos Farrapos, mais precisamente à batalha de Porongos. Muitos escravos foram atraídos à causa farroupilha com a promessa de serem alforriados. Terminada a guerra, em lugar da alforria receberam a morte. Depois de desarmados, foram surpreendidos à noite e mortos. Neste caso, a palavra mais correta seria assassinato na suposta batalha de Porongos.

A história dificilmente será completa. Abranger tudo o que aconteceu e, em especial, os interesses ocultos podem ficar ocultos por diferentes razões. Há sempre aspectos que passam despercebidos. Um princípio, entretanto, que o historiador não pode deixar de cumprir é o da fidelidade aos fatos. A fidelidade impõe que sejam narrados tanto os aspectos positivos quanto os negativos. Nem sempre isto ocorre. Mais exemplos.

Na biografia de Rui Barbosa, o grande jurista e diplomata brasileiro, dois fatos são omitidos. O primeiro foi o da decisão de eliminar parte dos documentos que registravam o comércio de escravos sob o argumento que era necessário apagar uma página negra de nossa história. O segundo fato refere-se à sua exigência de que os bondes de segunda classe, reservados aos negros e trabalhadores, não passassem em frente de sua casa.

Por fim, quero lembrar uma atitude de fidelidade histórica que muito me impressionou. Quem visitar a prefeitura de Münster, Alemanha, encontra no saguão de entrada duas maquetes. Uma reproduz a cidade completamente destruída pela guerra. Nenhuma casa ficou intacta. A segunda mostra a cidade totalmente reconstruída. Apenas um muro em ruínas ficou preservado como lembrança dos bombardeios. O mais importante de tudo isto é que a catedral, também destruída, foi reconstruída por inteiro, até as gaiolas fixadas no alto das torres, onde, no passado, devido às guerras religiosas, os líderes hereges foram encerrados até morrer, voltaram ao seu lugar original.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (III)

TERCEIRO MOMENTO – A(S) HISTÓRIA(S) DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

A tese de que a história da imigração italiana no Rio Grande do sul é uma só, certamente, encontra poucos defensores. Muitos pontos são convergentes, entretanto, há uma infinidade de divergências. As linhas gerais da história dificilmente podem ser alteradas, o que muda são as diferentes interpretações e valores atribuídos aos diferentes movimentos dos fatos e dos elementos que entram em cena.

As motivações deste processo imigratório são amplas e divergentes quando levamos em conta todos os agentes envolvidos. Pode-se começar pelos interesses opostos entre os governos italiano e brasileiro. A questão se complica quando se busca entender os grandes interesses políticos e econômicos, seja na esfera do poder público seja na esfera das grandes empresas, entre elas as empresas de navegação e, no Brasil, os interesses da substituição do trabalho escravo e a ocupação de terras devolutas, em particular no Rio Grande do Sul. Não se pode esquecer, também, os sonhos e as esperanças de “far la cucagna” ou “far l'América” dos nossos avós e bisavós.

Neste contexto não há nenhum exagero em afirmar que as pesquisas sobre a história da imigração italiana riograndense revelaram apenas alguns capítulos. Além disso, apenas completando o que já foi dito, as narrativas históricas podem variar dependendo do ponto de vista de quem escreve. Por exemplo, na Itália, o esforço de repensar o tempo das grandes emigrações do final do século XIX e início do Século XX é muito recente. O que nos leva a rever e completar a nossa história. – O tema será retomado mais adiante.

Com a intenção de tornar mais compreensível a influência do ponto de vista do historiador quando narra os fatos, vou contar um fato que um amigo me contou. Para mim seria uma anedota, mas ele me garantiu que era a pura verdade, inclusive dando nomes e locais. Vou repeti-la como anedota. Nisto não há menosprezo pelo trabalho do historiador.

Um determinado indivíduo resolveu investir na construção de um prédio de apartamentos já que na cidade escolhida havia grande demanda, motivada pela existência de boas instituições de ensino. Assim que encontrou um terreno bem situado, procurou o proprietário sem intermediários. Ao saber que ele pedia R\$ 150.000,00 (preço atualizado), se assustou. O comprador pediu para ir até o local do terreno. Depois de um tempo de silêncio ele disse: se me permite, vou lhe fazer umas observações. O senhor vê, o seu terreno, até poderia valer o que o senhor pede, mas ele está do lado de um grande colégio, fica difícil alguém suportar todo dia a gritaria da criançada; ali em frete está um pronto socorro e logo adiante, na esquina, está uma delegacia. O senhor imaginou o incômodo dos toques das sirenes das ambulâncias e da polícia. Assim fica difícil construir aqui.

O proprietário ficou pensativo. Ninguém lhe havia feito essas observações. Talvez, pensou, seria por isso que não conseguia vender. O negócio foi fechado em cem mil reais.

Passados uns dois anos, o antigo proprietário passando por lá viu um grande edifício de apartamentos à venda. Lá estava o comprador que não o reconheceu. Aí perguntou o preço dos apartamentos. Desta vez, foi ele que achou muito caro. Então o antigo comprador lhe explicou. O senhor vê aqui do lado está o colégio, nem precisa atravessar a rua para levar as crianças à escola. Ali em frente está o Pronto Socorro, nem precisa de ambulância, basta uma maca. Mais para lá está a Delegacia como garantia de segurança.

A diferença de avaliação dos fatos ou das pessoas pode ocasionar histórias diferentes. Assim, Tiradentes foi enforcado e esquartejado pelo governo de Portugal, mas acabou sendo proclamado pela nossa história o Grande Mártir da Independência do Brasil.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (IV)

QUARTO MOMENTO – VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL

Entre as muitas contribuições trazidas pela comemoração do Centenário da Imigração Italiana (1975), certamente está a elevação da auto-estima dos descendentes dos imigrantes, ainda bastante abalados em consequência das perseguições durante o Estado Novo e um certo desprestígio pela condição de colono. Afinal foi apenas em 1783 que o rei da Espanha decretara que não eram desonrosos os trabalhos manuais, os ditos "ofícios servis", que até então implicavam na perda da fidalguia. As diferenças culturais e a língua também contribuíram. Falar português já era uma promoção.

O primeiro passo da auto-estima não é só deixar de se envergonhar, mas de sentir orgulho da sua história, do seu modo de viver, de sua língua, de seu modo de falar, de suas condições sócio-culturais ou sócio-econômicas. E isto ficou claro quando os descendentes dos imigrantes de todas as idades saíram às ruas em desfile com as roupas remendadas, de enxada, foice e pá nas costas; batendo, no asfalto, a velha máquina de plantar milho, feijão e arroz; fazendo "dressa" e carregando "sporte"; circulando com as velhas carretas de boi; mostrando produtos agrícolas, em especial suas maiores bandeiras, a uva e o vinho; enfim cantando e falando na sua língua dialetal. Sem esquecer a famosa polenta com "radici coti".

O importante é saber que este acontecimento não foi um momento passageiro, ao contrário, foi se mantendo e crescendo sempre mais. Hoje, pode-se dizer que está sendo um sucesso. Não se pode esquecer que o renascimento, a continuidade e o fortalecimento do orgulho dos descendentes dos imigrantes italianos estão intimamente ligados ao incentivo de pesquisas e publicações patrocinados em grande parte pela editora EST do Frei Rovílio Costa. Muito contribuiu a filme do Quatrilho. Outro reforço foi dado pela valorização do Talian, a língua ítalo-riograndense. Serafina Correa, por exemplo, decretou o Talian a língua oficial da semana do município. Um outro fator importante foi e é a possibilidade da obtenção da dupla cidadania.

Na esteira destes fatos e fatores buscou-se criar uma consciência de que as coisas antigas precisam ser preservadas. No rol destas antiguidades estão documentos, cartas, fotografias, objetos de uso doméstico, instrumentos de trabalho, atividades de lazer, cantos, práticas religiosas, construções em especial aquelas com as características da arquitetura do imigrante.

Infelizmente, antes que essa consciência de preservação alcançasse um grau maior, muitas coisas se perderam. Não posso deixar de lembrar a exemplar luta que um grupo de estudiosos travou para preservar as casas antigas de uma rua inteira de Antônio Prado, que foram fundamentais para muitas cenas do Quatrilho. Hoje, será que algum pradense lamenta essa preservação? Graças a esses heróis Antônio Prado pode ser orgulhar de ter o maior acervo arquitetônico em madeira de toda a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Fonte de bons negócios e de turismo.

Alguém imaginaria a possibilidade de algum dia um político poderoso resolvesse demolir o Coliseo de Roma para construir um estádio moderno, ou aterrasse as Termas de Caracala para aí instalar um trem fantasma, uma montanha russa, ou uma roda gigante? Certamente a resposta seria não. Entretanto, mudadas as proporções, atitudes parecidas aconteceram em muitos lugares da imigração italiana. Pergunto, o que sobrou de antigamente em Caxias do Sul?. E em Marau, o que aconteceu com a represa da usina hidrelétrica, empreendimento tão decisivo para o desenvolvimento e progresso de Marau, que neste ano faria 80 anos?

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (V)

QUINTO MOMENTO – AS QUATRO COLÔNIAS IMPERIAIS

Antes de começar – do começo mesmo – contar a história dos imigrantes italianos, vindos ao Rio Grande do Sul, que, como já foi dito, começa tudo na Itália, julgo importante traçar em linhas gerais um fato pouco conhecido, mas que foi fundamental para que a imigração italiana chegasse ao nosso Estado. Talvez, aqui esteja um começo indireto.

Voltemos à Guerra do Paraguai. Quem se lembra da história sabe que o exército de Solano Lopes já estava em São Borja, Itaqui e ia chegando a Uruguaiana. O exército brasileiro, mal preparado e formado por um número elevado de escravos forçados a ir à guerra, estava muito desmotivado e desmoralizado. O Imperador D. Pedro II resolveu fazer uma visita às forças imperiais sediadas em Uruguaiana para levantar o ânimo dos soldados, mas não é isso que interessa aqui. Na travessia a cavalo de Porto Alegre a Uruguaiana, D. Pedro olhava para ao lado norte e perguntava: quem habita essas montanhas? Ninguém, foi a resposta. A pergunta se repetiu várias vezes na volta da viagem. Evidentemente a resposta não poderia ser outra, ninguém.

O Imperador voltou ao seu trono no Rio de Janeiro com a firme convicção que seria fundamental povoar a Serra Gaúcha. É bom lembrar que a Coroa Portuguesa, antes mesmo da vinda de D. João VI ao Brasil, havia traçado uma política de povoamento de seus territórios com estrangeiros, com o objetivo de garantir suas possessões ultramarinas. No caso do Brasil havia uma preferência por famílias alemãs e italianas.

Não se sabe se D. Pedro II estava a par desta política, o certo é que, logo após o retorno de sua viagem ao Sul, estabeleceu como prioridade, para garantir o domínio das fronteiras do sul, ocupar todas as terras devolutas com duplo objetivo, o de formar com os colonos um exército civil de contenção de possíveis invasores, e uma diversificação da produção agrícola, dominada pelas monoculturas do centro e nordeste do País, através da agricultura familiar tendo como referência a bem sucedida imigração alemãs desde 1824.

O primeiro ato concreto foi delegar aos presidentes das províncias a tarefa de atrair colonos criando núcleos coloniais. No Rio Grande do Sul, o Presidente da Província – (governador do Estado, hoje) – criou a colônia de Conde D'Eu (Garibaldi). Ainda no início da década 1870 chegaram algumas famílias de franceses e, segundo pesquisas mais recentes, teriam chegado pelo ano de 1873, as primeiras famílias italianas.

Os presidentes provinciais, entretanto, alegando falta de recursos, não conseguiram levar adiante seus empreendimentos colonizadores.

Diante deste fato, D. Pedro II em visita a seu tio, irmão de sua mãe Dona Leopoldina, o Imperador da Áustria, lembrou-se de solicitar-lhe que lhe cedesse famílias de tiroleses, criadores de gado leiteiro na região montanhosa dos Alpes. O imperador austríaco, prontamente, atendeu o sobrinho, e disse que poderia levar quantos tiroleses quisesse, pois eles, muito revoltosos, lhe causavam problemas. Este assunto será retomado.

De volta ao Brasil, D. Pedro resolve assumir a tarefa de colonizar as terras devolutas das áreas montanhosas da Serra Geral e Serra do Mar. Todos se lembram que as terras próprias para o Café e a Cana de Açúcar estavam nas mãos dos latifundiários de origem lusa. Eles mesmos se encarregaram de atrair imigrantes, particularmente, italianos em substituição ao trabalho escravo. Assim, foram criadas por decreto as Colônias Imperiais: Conde D'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres – imperiais por pertencerem a jurisdição do Governo Imperial. A Quarta Colônia, Silveira Martins, na região de Santa Maria da Boca do Monte, surge dois anos depois.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (VI)

DUAS PALAVRAS SOBRE A EUROPA

Depois da introdução, feita com o objetivo de situar resumidamente o significado de preservar a história e os valores da imigração italiana em particular, e das imigrações em geral, torna-se necessário dizer algumas palavras sobre a situação da Europa no século XIX, o século das grandes emigrações e das organizações dos países modernos sob os aspectos científico, industrial, político, social e geográfico.

Em primeiro lugar, é no século XIX que os conhecimentos científicos alcançaram um alto grau de desenvolvimento com descobertas fundamentais para o progresso da humanidade. Neste sentido quero apenas focar o aspecto de que é neste período que os conhecimentos científicos foram aplicados de maneira decisiva no sistema produtivo. Graças a esta estratégia a capacidade humana de produção de bens e mercadorias foi multiplicada dezenas de vezes. O conhecimento se transformou numa mercadoria de altíssimo valor. As pesquisas científicas deixaram de ser meras explicações do universo para se tornarem forças de dominação e de transformação. A tecnologia ficou reconhecida, inicialmente, como o único caminho para o sucesso da produção industrial, e, posteriormente, estendida para a agricultura. O processo artesanal de produção, aos poucos, vai cedendo à produção em série. A agricultura deixa de ser uma atividade braçal familiar de pequenas áreas para se tornar uma agricultura extensiva mecanizada. Hoje, o agro-negócio. O processo de industrialização foi adotado como a única saída para garantir o fortalecimento econômico dos países desenvolvidos. Uma economia, baseada na agricultura tradicional, passou a ser definida como uma situação de estagnação e de atraso.

A industrialização científico-tecnológica provocou mudanças profundas na área política, social e geográfica. E isto, é bom lembrar, não aconteceu sem traumas humanos.

Assim, pode-se concluir que tanto a industrialização quanto a agricultura extensiva provocaram o crescimento da população urbana e o conseqüente êxodo rural. Diante destes fatos, deve-se notar que os países que demoraram industrializarem-se, como os casos da Itália e o sul da Alemanha, enfrentaram o problema de uma superpopulação rural cuja solução foi a massiva emigração das populações camponesas. Apenas para lembrar, a Espanha e Portugal, embora tenham entrado na era industrial somente na segunda metade do século XX, haviam resolvido a superpopulação pela ocupação das colônias de além mar, em especial a América Latina.

Quanto ao aspecto político os países europeus, sob a influência das guerras napoleônicas, foram se encaminhando para a organização de um Estado fundado sobre o triplice poder: judiciário, legislativo e executivo. As estruturas feudais, com base no conceito de nobreza, foram obrigadas a ceder o poder aos detentores do capital emergente proveniente da industrialização. Os impérios e reinos, aos poucos, foram substituídos pelas repúblicas. As democracias eliminaram as monarquias ou, no mínimo, reduziram reis e rainhas a meros figurantes com poder simbólico.

A democracia no seu sentido etimológico significa governo do povo. Demos (povo) e kratos (governo). A primeira experiência democrática teria acontecido no século IV antes de Cristo, em Atenas, na Grécia. Não se pode esquecer, também como mera informação, que o termo democracia era condenado como subversivo, porque ia contra a ordem vigente, e herético, porque se opunha à idéia de poder monárquico, defendido pela Igreja, cujo fundamento seria um só Deus, um só governante religioso e um só governante civil. Trata-se de uma estrutura piramidal. Um Deus, um Papa e um Rei.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (VII)

O SURGIMENTO DO MAPA DA EUROPA

As profundas mudanças políticas e no sistema de produção geraram alterações, não menos profundas, na re-ordenação geográfica e na organização social.

Quando os imigrantes italianos, aqui chegados, falavam dos países europeus, em especial, Itália, Alemanha, Áustria ou França, transmitiam a idéia de países totalmente organizados. Na verdade, nenhum deles tinha seus estatutos políticos consolidados, sua estabilidade social garantida, nem seus limites geográficos definitivamente estabelecidos.

Vou tomar o exemplo da França por diversos motivos. O primeiro porque é o país estrangeiro que mais conheço graças, como já lembrei anteriormente, aos três anos de estudo e aos quase quatro meses de motorista de uma empresa locadora de automóveis.

Em segundo lugar, porque julgo a França como o ponto de partida dos movimentos populares que inauguram a formação de um Estado republicano e democrático. A Revolução Francesa de 1789 é o marco histórico que desenha os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sempre lembrados, infelizmente, precariamente praticados e, geralmente, moldados segundo os interesses das oligarquias dominantes.

Em terceiro lugar, porque a França tem muito a ver com a formação da Itália em múltiplas circunstâncias, que poderiam começar com São Francisco de Assis, cujo nome lhe foi dado graças aos laços comerciais e afetivos de seu pai, Bernardone, com a França. Mas essa questão voltará quando falarmos das lutas de unificação da Itália.

Todo bom estudioso de história reconhece que a França se constitui num paradigma das lutas contra o autoritarismo do poder feudal e das estruturas arcaicas da organização social, heranças da Idade Média. Entretanto não posso me prolongar nesta direção, o objetivo, aqui, é apenas lembrar que o ordenamento dos países europeus, nos mapas de hoje, levaram muitos anos, séculos, para se definirem como nação e como território geográfico. Tenho certeza que todos acompanham os recentes fatos no Leste Europeu.

Voltando à França. A França moderna, ou atual, tem o seu berço na Revolução francesa com a queda da Bastilha, símbolo universal de libertação de uma sociedade massacrada por um poder tirânico. Seu lema, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, já de início, não foi aplicado. A guilhotina mostrou que alguns cidadãos não mereciam fazer parte da nova ordem política. Evidentemente, os nobres deveriam perder seus títulos e privilégios, mas não necessariamente precisava cortar-lhes o pescoço.

Para resumir esse primeiro período, chegou Napoleão Bonaparte – exatamente este que botou a correr a D. João VI para o Brasil – nascido na Córsega, que pertencera à Itália, e restaurou a monarquia. Uma vez derrubada a Monarquia, se sucederam, a cada nova constituição, várias Repúblicas. Desde 1958 os franceses vivem a quinta República.

Quanto à formação da população, da mesma forma, os caminhos não foram tranquilos. Ainda hoje, os bretões, à oeste da França, não renunciaram à sua cultura étnica, sua língua e, a muito custo, se submetem ao domínio franciano, como eles dizem. Ao norte há a Normandia. Seus habitantes, especialmente os mais velhos, dizem: sou normando e não francês. Há, também, os provençais, os bascos, os berichões e outros de menor expressão que continuam lutando para manter sua identidade cultural e lingüística.

O território francês, também, passou por turbulências. Por exemplo, no Norte a delimitação da região da Alsácia e Lorena, somente se resolveu em 1918 com o tratado de Versalhes. No leste as fronteiras com a Itália foram traçadas durante a unificação italiana, que voltaremos a tratar.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (VIII)

AS LUTAS PELA UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA

Pretender descrever a imagem da Itália que estava na cabeça dos nossos imigrantes italianos, certamente, é uma tarefa impossível. Os mais velhos, sem dúvida nenhuma, deviam ver a Itália como um território de constantes guerras internas e externas. Em primeiro plano pode-se colocar as guerras napoleônicas que resultaram no domínio francês, inclusive com a proclamação de um filho menor de Napoleão como rei de Roma.

Mas muito antes das devastadoras batalhas travadas ou contra a invasão dos exércitos napoleônicos ou contra o Império Austro-Hungaro, deve-se recordar as lutas internas. Aqui, novamente, vou lembrar um fato, não porque seja muito importante, mas porque é de muitos conhecido, refiro-me à guerra entre as cidades de Assis e Spoleto, na qual participou Francisco de Assis, antes de abandonar as glórias do mundo, como ele declarou. E isto ocorreu no final do século XII. Fica claro, não foi nem a primeira e nem a última. Ao contrário, as lutas continuaram até a unificação, aliás, conseguida com violentos combates, em boa parte, comandados por Giuseppe Garibaldi.

Para os mais jovens, em especial os que vieram para cá ainda crianças, a Itália deve ter ficado em suas memórias como um país um tanto indefinido e longínquo, construído pelos relatos de seus pais. Para os nascidos no Brasil a imagem da Itália, como país, certamente foi adquirida nas aulas de história e geografia. Entretanto, a Itália, vivida na convivência familiar com os pais ou avós, não passava de um lugar de muito trabalho, fome, miséria e frio.

Não pretendo descrever como era toda a confusa situação do atual território italiano antes das lutas de unificação e, também, do período da unificação. Para isso seria necessário escrever várias páginas ou, o que seria mais fácil, mostrar um mapa da época. O objetivo aqui é mostrar, apenas, um território dividido entre vários estados autônomos no período de 1850 a 1870. Para simplificar vou lembrar os mais importantes.

A República de Veneza era o Estado mais rico e forte, mantinha estreita relação com os Estados Pontifícios. Esta relação não é de estranhar já que entre os Doges (governantes) e os bispos de Veneza sempre houve uma boa convivência. A grandeza econômica e política de Veneza fundava-se em sua posição geográfica como caminho obrigatório do comércio entre o norte da Europa e o Oriente.

Com a melhoria da navegação surgem caminhos alternativos. Os comerciantes com mais facilidade podiam seguir pelo mar mediterrâneo e entrar no Atlântico pelo estreito de Gibraltar. Até a volta ao sul da África se tornou mais econômica. Por fim, o canal de Suez se constituiu na principal ligação marítima entre Ocidente e Oriente.

Os Estados Pontifícios se tornaram o último reduto a ser derrotado para que Roma fosse a capital da Itália unida. Essa era uma condição prioritária de Giuseppe Garibaldi, o maior artífice militar da unificação. Ele já havia conquistado a Sicília e o Reino de Nápoles sob o domínio dos Bourbons. Anteriormente havia derrotado os austríacos e anexado a Lombardia ao Piemonte. Ele foi decisivo na anexação de Veneza. Sem Garibaldi, certamente, a Itália, dificilmente, surgiria no mapa europeu como um único país.

Se Giuseppe Garibaldi foi o grande comandante das lutas de unificação, o reino do Piemonte foi à base territorial onde se fortaleceram as idéias de unificação e onde se concentraram seus maiores idealizadores. Entre eles deve-se destacar Cavour e Mazzini. Aí em 1861 foi proclamado oficialmente o Reino da Itália, mas a proclamação não garantia o domínio sobre todo o território da península itálica.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (IX)

PROCLAMAÇÃO DO REINO DA ITÁLIA

O fato histórico que fixou politicamente a unificação da Itália foi a proclamação do Reino da Itália em 17 de março de 1861. No mesmo ano Vittorio Emanuele II foi proclamado rei da Itália. Em 1865 a capital passou de Turim, que era a capital do Piemonte, para Florença, que era a capital da Toscana. O nome "Itália", que no início do Império Romano referia-se apenas às terras do sul, posteriormente passou a englobar toda a península itálica e, agora, passou a designar um País.

Estava, assim, desencadeado o movimento irreversível da unificação de toda a península Itálica. Não foi uma campanha fácil e nem rápida. Houve muita resistência, tanto interna quanto externa. Internamente precisava romper a resistência de um elevado número de estados autônomos. Entretanto, as resistências mais fortes foram patrocinadas por três estados, o de Veneza, o do Reino de Nápoles e Sicília e, o mais complicado, o dos Estados Pontifícios. Externamente havia o grande inimigo, a Áustria, que dominava o norte da Itália, acompanhado de perto pela França.

O processo de unificação do território e de sua execução não aconteceu por acaso, ele foi precedido por uma forte corrente de novas idéias reunidas num movimento conhecido como Risorgimento. Seu objetivo último era construir uma Itália livre do controle de governantes estrangeiros e independente do Papa católico.

Na frente destas idéias de unificação encontramos as figuras dos assim chamados três Giuseppi. A saber: Giuseppe Mazzini (1805-1872), Giuseppe Verdi (1813-1901) e Giuseppe Garibaldi (1813-1891). Vejamos resumidamente a importância de cada um no projeto da unificação italiana.

Giuseppe Mazzini, sem dúvida nenhuma, foi o homem das idéias. Ele fundou o movimento "Giovine Italia", cujo objetivo primeiro era mobilizar a opinião pública para a nobre causa de construir uma nação "Una, Independente, Libera". Nasceu numa família ligada aos carbonários. Aderiu aos ideais socialistas de Marx com que manteve fortes contatos. Como era muito combativo passou vários anos no exílio e, segundo Deliso Villa, ele faleceu "só e abandonado (...) ninguém o acompanhou ao campo-santo. Ninguém proferiu uma palavra em sua homenagem". Para os seus seguidores e admiradores foi chamado de "o grande profeta do Risorgimento". Para os imigrantes italianos, profundamente papais e religiosos, o seu nome estava na lista negra dos amaldiçoados.

Giuseppe Garibaldi, talvez, não seja necessário falar de seu papel, pois ele já é bastante conhecido graças à sua ativa participação na Guerra dos Farrapos. Além disso, ele voltará outras vezes mais adiante. Entretanto, é indispensável fazer uma comparação entre ele e Mazzini. Se Mazzini foi o pensador mais expressivo dos ideais que levaram à mobilização para construir a unidade italiana, Giuseppe Garibaldi foi o grande estrategista militar que comandou as principais lutas de unificação. Nenhum historiador lhe tira o mérito de ser um grande estrategista de batalhas em terra e mar.

Giuseppe Verdi, a presença dele no trio fundamental defensor dos ideais de unificação pode parecer um tanto estranha. Para a maioria dos imigrantes ele era simplesmente o autor das grandes óperas, das quais, algumas partes eles cantavam. De fato, Verdi foi consagrado em toda a Europa como o maior compositor do século XIX. Poucos sabem que ele foi considerado, também, o artista italiano que melhor representou "o espírito nacional de seu povo". Suas óperas musicaram a ânsia de liberdade pela unificação. Aqui está o trio completo: o Profeta, o Comandante e o Maestro do Risorgimento.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (X)

SONHOS DE RECONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE VENEZA (Um parêntese)

A organização política da Europa parece não assegurar sua unidade. Há sempre reações de grupos étnicos e regiões que não aceitam submeter-se ao poder central, ou que gozam de certa autonomia. Por exemplo, os bascos divididos entre França e Espanha. Os curdos ao sul da Turquia. Na Itália, além de regiões autônomas, surgiu um movimento de independência do Vêneto, que pode ser um sonho ou uma ilusão. Para melhor entender esse movimento vou transcrever o ofício que recebi de Andrea (André) Viviani.

VENETA SERENISSIMA REPUBLICA

O Veneto Serenissimo Governo

Decreta a reconstituição de um Território Vêneto Livre

"Apesar dos repetidos apelos do Veneto Serenissimo Governo, herdeiro e continuador da história, cultura e tradições da Veneta serenissima Republica, de não reconhecer a ilegal independência da província Sérvia do Kosovo, o governo italiano cometeu um outro ato de brutalidade nos confrontos do povo Sérvio (reconhecendo o Estado fantoche kosovaro), violando, como lhe é costumeiro, a legalidade e o direito internacional.

Este ato obriga o Veneto Serenissimo Governo a tomar as devidas contramedidas como foi preanunciado em Longarone no dia 20 de janeiro de 2008.

Portanto, diante das contínuas violações dos tratados internacionais por parte do ocupante italiano (Armistício de Cormons e Paz de Viena do ano de 1866), os quais estabeleciam o direito do Povo Vêneto de se exprimir livremente sobre a constituição de um Estado Vêneto Independente, e os contínuos apelos, nunca ouvidos, pela instalação de uma mesa de negociações quatripartites (França, Áustria, Itália e Veneta Serenissima Republica) sob a tutela das Nações Unidas para uma consulta referendária entre o Povo Vêneto, o qual livremente decidiria sobre o próprio destino.

O Veneto Serenissimo Governo aos 20 de julho de 2008, como já o fizera em 24 de agosto de 1996, com solene ato declarará, diante de Deus, da História e do Povo Vêneto a reconstituição da Veneta Serenissima Republica.

Em 20 de julho de 1866 com a vitória de Lissa os marinheiros Vênetos ultrapassaram as fronteiras do imperialista Estado italiano, esta é uma data fundante para o processo independentista Vêneto. Como em Lissa em 1866 assim agora o Povo Vêneto vencerá contra o fantoche Estado italiano.

O Vêneto Serenissimo Governo empregará estes meios para informar as Organizações Internacionais e todos os Estados que lhe são desde sempre vizinhos, sobre a modalidade para proceder à proclamação do Território Vêneto Livre." (Traduzido por S. Santin)

Veneza, 21 de fevereiro de 2008.

O presidente da Veneta Serenissima Republica

Luigi Massimo Faccia

Pelo Vêneto Serenissimo Governo

O presidente, Luca Peroni

Os vice-presidentes

Valerio Serraglia – Andréa Viviani – Demetrio Serraglia